



**INSTITUTO LATINO-AMERICANO DE ARTE,
CULTURA E HISTÓRIA (ILAACH)**
**ESPECIALIZAÇÃO EM ENSINO-APRENDIZAGEM
DE LÍNGUAS ADICIONAIS**

**O USO DO CELULAR COMO FERRAMENTA PEDAGÓGICA NO PROCESSO DE
ENSINO E DE APRENDIZAGEM DE UMA LÍNGUA ADICIONAL**

TANIA ORONÁ BETANCOR

**Foz do Iguaçu
2019**



**INSTITUTO LATINO-AMERICANO DE ARTE,
CULTURA E HISTÓRIA (ILAACH)
ESPECIALIZAÇÃO EM ENSINO-APRENDIZAGEM
DE LÍNGUA ADICIONAL**

**O USO DO CELULAR COMO FERRAMENTA PEDAGÓGICA NO PROCESSO DE
ENSINO E DE APRENDIZAGEM DE UMA LÍNGUA ADICIONAL**

TANIA ORONÁ BETANCOR

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado como requisito obrigatório para a obtenção do certificado de pós-graduação Lato Sensu - Especialização em ensino-aprendizagem de Línguas Adicionais.

Professora orientadora: Doutora Jorgelina Tallei

**Foz do Iguaçu
2019**

TANIA ORONÁ BETANCOR

**O USO DO CELULAR COMO FERRAMENTA PEDAGÓGICA NO PROCESSO DE
ENSINO E DE APRENDIZAGEM DE UMA LÍNGUA ADICIONAL**

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado como requisito obrigatório
para a obtenção do certificado de pós-
graduação Lato Sensu em Ensino de
Língua Adicional, da Unila.

BANCA EXAMINADORA

Orientadora: Professora Doutora Jorgelina Tallei
UNILA

Professor Doutor Gregorio Pérez de Obaños Romero
UNILA

Professora Doutora Júlia Granetto
UNILA

Foz do Iguaçu, 17 de junho de 2019.

TERMO DE SUBMISSÃO DE TRABALHOS ACADÊMICOS

Nome completo da autora: Tania Oroná Betancor

Curso: Especialização em Ensino-Aprendizagem de Línguas Adicionais

Tipo de Documento: Trabalho de conclusão de curso

Título do trabalho: O uso do celular como ferramenta pedagógica no processo de ensino e de aprendizagem de uma língua adicional

Nome da orientadora: Jorgelina Tallei

Data da defesa: 13/ 07/ 2019.

Licença não-exclusiva de Distribuição

O referido autor(a): Tania Oroná Betancor

a) Declara que o documento entregue é seu trabalho original, e que o detém o direito de conceder os direitos contidos nesta licença. Declara também que a entrega do documento não infringe, tanto quanto lhe é possível saber, os direitos de qualquer outra pessoa ou entidade.

b) Se o documento entregue contém material do qual não detém os direitos de autor, declara que obteve autorização do detentor dos direitos de autor para conceder à UNILA – Universidade Federal da Integração Latino-Americana os direitos requeridos por esta licença, e que esse material cujos direitos são de terceiros está claramente identificado e reconhecido no texto ou conteúdo do documento entregue.

Se o documento entregue é baseado em trabalho financiado ou apoiado por outra instituição que não a Universidade Federal da Integração Latino-Americana, declara que cumpriu quaisquer obrigações exigidas pelo respectivo contrato ou acordo.

Na qualidade de titular dos direitos do conteúdo supracitado, o autor autoriza a Biblioteca Latino-Americana – BIUNILA a disponibilizar a obra, gratuitamente e de acordo com a licença pública *Creative Commons Licença 3.0 Unported* .

Foz do Iguaçu, 17 de junho de 2019.

Tania Oroná Betancor

BETANCOR, Tania Oroná. **O uso do celular como ferramenta pedagógica no processo de ensino e de aprendizagem de uma língua adicional.** 2019. 50 páginas. Trabalho de conclusão de curso para a Especialização em Ensino-Aprendizagem em Línguas Adicionais - Universidade Federal da Integração Latino-Americana, Foz do Iguaçu, 2019.

RESUMO

Este trabalho de pesquisa teve como objetivo principal a análise da colocação em prática do uso do celular como instrumento pedagógico no processo de ensino e aprendizagem de espanhol como língua adicional em uma rede social. Além disso, os objetivos específicos pretenderam perceber e interpretar as dificuldades didáticas existentes na proposta, como instrumento para o aprendizado de uma língua adicional; criar estratégias e atividades de ensino de língua adicional interativas com o celular; verificar os possíveis ou reais resultados obtidos no processo ensino-aprendizagem. Para chegar a esses objetivos foram utilizadas metodologias de pesquisa de campo e de pesquisa interpretativa de cunho etnográfico. A partir dos registros adquiridos durante as aulas, através do questionário realizado e das interpretações feitas, pode-se entender um pouco melhor as necessidades de mudanças que os aprendizes anseiam. Trabalhar com um instrumento que já se tornou uma extensão da própria mão e utilizá-lo conscientemente para adquirir conhecimento resultou em um trabalho eficiente e gratificante, pois os discentes podem participar ativamente da construção de quase todo o processo e tomar seus próprios direcionamentos, após a troca das primeiras impressões com o professor. O (multi)letramento ampara o olhar do processo de ensino e de aprendizagem, engrandecendo tanto o sujeito professor-pesquisador quanto o sujeito aprendiz.

Palavras-chave: (multi)letramento; ensino de língua adicional; celular; rede social.

BETANCOR, Tania Oroná. **The use of the cellphone as a pedagogical tool in the teaching of Spanish as an additional language.** 2019. 50 páginas. Trabalho de conclusão de curso em Especialização em Ensino-Aprendizagem em Línguas Adicionais - Universidade Federal da Integração Latino-Americana, Foz do Iguaçu, 2019.

ABSTRACT

This research paper had as its main objective the analysis of the putting into practice of the use of cellphones as a pedagogical instrument in the process of teaching and learning of Spanish as an additional language in social networks. Furthermore, the specific goals intended to identify and interpret the didactic difficulties existing in the proposition, as an instrument for the learning of an additional language; creating strategies and interactive teaching activities of an additional language with the cellphone, checking the possible or real results obtained from the teaching-learning process. To reach these objectives field research methodologies and ethnographic interpretative research were used. From the acquired records during the lessons, through the questionnaire carried out and the interpretations made, one can better understand the need of changes that the apprentices yearn for. Working with an instrument that has already become an extension of people's own hands and consciously using it to acquire knowledge has resulted in an effective and gratifying paper, for the students may actively participate in the making of most of the process and choose their own directions, after the exchanging of first impressions with the professor. The multi-literacy supports the look of the teaching and learning process, magnifying the professor-researcher as well as the student.

Key-words: (multi)literacy, teaching of an additional language, cellphone, social networks.

BETANCOR, Tania Oroná. **La utilización del móvil como herramienta pedagógica en el proceso de enseñanza y aprendizaje de una lengua adicional.** 2019. 50 páginas. Trabalho de conclusão de curso em Especialização em Ensino-Aprendizagem em Línguas Adicionais - Universidade Federal da Integração Latino-Americana, Foz do Iguaçu, 2019.

RESUMEN

Este trabajo científico tuvo como objetivo principal hacer análisis de la puesta en práctica del celular, a través de una red social, como un instrumento pedagógico eficiente en el proceso de enseñanza y aprendizaje de español como lengua adicional. Además, los objetivos específicos fueron: percibir e interpretar las dificultades que existen en la propuesta como instrumentos para el aprendizaje de una lengua adicional; crear estrategias y actividades de enseñanza de lengua adicional interactivas con el celular; verificar los posibles o reales resultados obtenidos en el proceso de enseñanza y aprendizaje. Para llegar a esos objetivos fueron desarrolladas metodologías de investigación de campo e interpretativista. A partir de los registros adquiridos durante las clases en que se desarrolló el estudio, por un cuestionario hecho respondido por los alumnos y las interpretaciones de sus respuestas se puede entender un poco mejor las necesidades de cambios que los estudiantes desean en los métodos de enseñanza en el sistema escolar. Trabajar con un instrumento que ya se tiene como una extensión de su propia mano y utilizarlo conscientemente para adquirir conocimiento tuvo como resultado un trabajo muy eficiente y gratificante, puesto que los estudiantes pueden participar activamente de la construcción de casi todo el proceso y tomar sus propios direccionamientos, posteriormente a los primeros contactos con el profesor y los demás estudiantes. El concepto de multialfabetización es la base para nuevos horizontes en el proceso de enseñanza y de aprendizaje de lenguas adicionales, cambiando tanto al sujeto profesor como al sujeto aprendiente.

Palabras clave: multialfabetización; enseñanza de lengua adicional; móvil; red social.

FORMAS DE TRANSCRIÇÃO

As falas dos alunos, sujeitos da minha pesquisa, serão transcritas de forma cursiva. Pretendendo com isso fazer com a transcrição transmita a maior realidade da fala dos alunos, lembrando que uma forma totalmente igual à fala dos pesquisados seria totalmente impossível, até mesmo na transcrição fonético/fonológica, o que também não é o objetivo do presente trabalho.

- a) Interrupções do enunciado: Pausas: (...).
- b) Entonação ou ênfase nos enunciados dos entrevistados: EM LETRA MAIÚSCULA.
- c) Indicação de transcrição parcial ou eliminação de um trecho: [...].
- d) As perguntas ou interferência da professora/pesquisadora aparecem precedidas da palavra professora, seguido de dois pontos. Ex: Professora:
- e) Todos os excertos das aulas gravadas aparecerão: *em itálico*.
- f) Para salvaguardar o anonimato dos sujeitos, utilizarei a seguinte nomenclatura: F = feminino; M = masculino; letras do alfabeto minúsculas para diferenciá-los.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	11
2 METODOLOGIA DE PESQUISA E A ÉTICA PRESENTE EM TODOS OS MOMENTOS DO PROCESSO	15
2.1 UMA FORMA DE INTERPRETAÇÃO.....	15
2.2 A PESQUISA DE CUNHO ETNOGRÁFICO	17
2.3 CONTEXTO DE PESQUISA E GERAÇÃO DE REGISTROS.....	19
3 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA	22
3.1 UM AGENTE IMPORTANTE DO PROCESSO: O PROFESSOR.....	22
3.2 AMPLIANDO OS HORIZONTES: (MULTI)LETRAMENTOS.....	26
4 O CELULAR COMO INSTRUMENTO PEDAGÓGICO	30
4.1 PROFESSORA E PESQUISADORA: OLHAR ATENTO DURANTE TODO O PROCESSO.....	30
4.2 O CELULAR E SUA UTILIDADE PEDAGÓGICA	33
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS	37
REFERÊNCIAS	39
APÊNDICES	41
APÊNDICE A - TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO – TCLE	42
APÊNDICE B - INSTRUMENTO DE GERAÇÃO DE REGISTROS: QUESTIONÁRIO	44
ANEXOS	45

ANEXO A – IMAGENS DO LAYOUT DA REDE SOCIAL G+	46
ANEXO B – PRINTS DE CONVERSAS NA REDE SOCIAL FACEBOOK.....	48
ANEXO C – FOTO DA TURMA DE GUIA DE TURISMO	50

1. INTRODUÇÃO

PRIMEIROS OLHARES E OUTROS SENTIDOS

*“Cada uno da lo que recibe
Y luego recibe lo que da,
Nada es más simples,
No hay otra norma:
Nada se pierde,
Todo se transforma.”
Jorge Drexler*

Sair de sua zona de conforto e extrapolar as diferenças, este é o desafio do novo mundo. Mundo este que espera, aparentemente, destruir as fronteiras físicas, étnicas e linguísticas, além de outras fronteiras que já estão muito mais fluidas. Neste cenário complexo, o professor detém um papel muito importante no que tange ao processo ensino-aprendizagem, principalmente no ensino de línguas adicionais (LA).

Cabe esclarecer o conceito que será utilizado nesta pesquisa sobre Língua Adicional (LA) e ampliando ainda mais o escopo do complexo mundo do ensino de línguas como outra além da sua língua materna. A língua adicional valoriza o contexto social do aluno e possibilita uma visão crítica da língua no processo de aprendizagem. A proximidade existente entre o aprendiz de dita língua gera uma reflexão sobre seu aprendizado, sobre o que é língua, sobre a quem ela pertence, ou porque me aproprio dela e quais são suas serventias. A denominada LA faz parte do convívio diário do aprendiz, não lhe é estranha – estrangeira – mostra-se relevante, constituindo-se como um recurso útil e importante para a participação em práticas sociais contemporâneas. Para Leffa e Irala, (2014, p. 9)

O ensino de outras línguas ocorre dentro de uma realidade situada no tempo e no espaço e está intimamente ligado a essa realidade. Podemos até chamá-la de língua estrangeira, como tradicionalmente se chamou, o que hoje já não se sustenta mais no caso do espanhol e do inglês no Brasil, por fazerem parte de uma realidade que nos é familiar.

Ao aprender uma língua adicional nos é concedido o direito e a liberdade de escolha; o direito a transpor fronteira e a liberdade de usufruir de tudo o que está

[Digite aqui]

inserido na outra língua. Citando Rhusdie (2002, p. 343), “atravessar uma fronteira é ser transformado, é um chamado para acordar. Na fronteira, não podemos evitar a verdade; as reconfortantes camadas do cotidiano, que nos isolam das realidades mais ásperas do mundo.”

O posicionamento geográfico estratégico de Foz do Iguaçu e a presença de inúmeras comunidades linguísticas diferentes implica um ambiente com intenso hibridismo linguístico-cultural proveniente do trânsito dos indivíduos pelas fronteiras entre os três países, como também da presença de diversos imigrantes e refugiados. É esse contato com a língua foco que o aprendiz tem de primordial importância para a inspiração de um professor-pesquisador, pois das interações pessoais reais podem surgir exemplos que possibilitem a elaboração de estratégias, métodos e instrumentos de mediação de aprendizagem e que exemplifiquem interações virtuais eficientes e construtivas na aprendizagem da língua adicional.

O uso das tecnologias de informação e comunicação (TICs) no processo ensino-aprendizagem de línguas adicionais já deveria participar do dia a dia das escolas, entretanto muitas são as dificuldades encontradas para essas ações; o diferencial desta pesquisa estará na análise e interpretação da atuação do professor e suas considerações a respeito do fazer pedagógico, da didática e das metodologias de pesquisa-ação e análise de algumas sugestões de instrumentalização do uso de celular nessas interações, além da observação da posta em prática das atividades interativas com o celular.

De forma geral, os professores são formados pela escola clássica (escola básica, ensino médio e universidade) e esporadicamente são "reciclados" ou capacitados para executar – ou pelo menos tentar executar – modismos teóricos em suas salas de aula, agindo pouco reflexivamente na sua prática pedagógica.

Pela introdução da Internet no cotidiano das pessoas, os professores e as professoras estão cada vez mais compelidos à utilização de novas tecnologias de informação e de comunicação a fim de usá-las como método de ensino, mas permanecem pouco atentos às necessidades de modificar a sala de aula centrada na pedagogia da transmissão.

A partir do exposto acima, surgem as questões que delineiam este trabalho: o celular e seu uso em sala de aula podem auxiliar verdadeiramente no processo de ensino-aprendizagem? Os professores já conseguem fazer um bom uso das TICs no processo, dessa forma tornando as aulas mais interativas? Para analisar este último [Digite aqui]

problema, farei uma avaliação do processo em minha própria prática docente. Como o uso do celular em sala de aula traria um aprendizado crítico, beneficiando, portanto, um letramento crítico?

Este estudo estipula como objetivo geral que a partir da proposta de uma sequência didática que utilize o celular e uma rede social pré-definida em sala de aula, estimulando a pesquisa-ação, se possa analisar a eficácia da ação pedagógica.

Para tanto, alguns objetivos específicos se fazem necessários:

- a) Perceber e interpretar as dificuldades didáticas existentes na proposta como instrumento para o aprendizado de uma língua adicional;
- b) criar estratégias e atividades de ensino de língua adicional interativas com o celular;
- c) verificar os possíveis ou reais resultados obtidos no processo ensino-aprendizagem.

Para responder às perguntas formuladas e chegar aos objetivos propostos tomo como ancoragem as palavras de Ginzburg (1991, p. 283), para quem o olhar do pesquisador traz consigo um pouco do inquisidor, aquele da época da caça às bruxas, sendo que os textos dos inquisidores eram intrinsecamente dialógicos. Ao fazer minha pesquisa, analiso, espio, olho, procuro viajar dentro de qualquer amostra vinda do participante, analiso e interpreto cada ação que surge durante a geração de registros, procurando manter o olhar para suas falas, a maneira como reagem ao serem questionados, as emoções que provocam – e as que eu lhes provoco.

O idioma espanhol detém uma maior relevância para os aprendizes nas cidades de fronteira, onde é utilizado com maior frequência e importância, demonstrando uma maior união, integração e fortalecimento das nações, ajudando a estimular valores como a solidariedade, o respeito ao próximo e a diversidade.

Igualmente, esse olhar do professor-pesquisador busca demonstrar que as riquezas culturais e linguísticas existentes numa cidade de fronteira não devem ser desperdiçadas, pois a proximidade desperta a troca de informações, diminuindo os pontos negativos na aquisição dessa língua adicional, que poderiam surgir a partir da distância e falta de comunicação diária.

No meu trabalho como professora-pesquisadora, penso no significado de minha atuação, em quais aspectos posso melhorar pedagogicamente e quais podem [Digite aqui]

vir a ser os benefícios de minha pesquisa em meu trabalho docente, pensando principalmente em uma coletividade docente futura.

Para que o professor tenha um olhar mais apaixonado e mais crítico com seu fazer pedagógico, percebo a necessidade deste estudo, confirmada pelas palavras de Maher (2007) que nos traz a realidade de uma escola que abriu as portas ao diverso, para o “diferente”, não sendo mais possível tentar entender nossas escolas sem levar em conta as diferenças no seu interior e no exterior, aliando os instrumentos do dia a dia dos alunos. Isso força os pesquisadores e educadores a admitir a pluralidade linguística e cultural em seu cotidiano pedagógico. É um abrir de olhos e mente forçado – e muitas vezes rejeitado.

Para desenvolver o trabalho e buscar as respostas às perguntas de pesquisa, proponho a distribuição de meu trabalho em quatro capítulos: no primeiro capítulo esclareço a metodologia utilizada em minha pesquisa e os métodos utilizados para chegar aos objetivos propostos; no segundo capítulo, apresento as teorias que fundamentam o trabalho e reflito sobre o trabalho do professor-pesquisador; no terceiro capítulo forneço os dados relevantes e aproveitáveis da proposta de pesquisa e as interpretações resultantes das análises feitas; o último capítulo contém as considerações finais do estudo.

2. METODOLOGIA DE PESQUISA E A ÉTICA PRESENTE EM TODOS OS MOMENTOS DO PROCESSO

“Los que una vez se han encontrado juntos en los bancos de una Escuela, a la que concurren haciendo uso de un mismo derecho, se acostumbran a considerarse iguales.”

José Pedro Varela

Neste capítulo, esclareço a metodologia utilizada na pesquisa e os métodos utilizados para a geração de registros. Separo este capítulo em três seções para melhor expor seu conteúdo: 1.1 pesquisa interpretativista; 1.2 pesquisa de cunho etnográfico e a ética na pesquisa; 1.3 o contexto de pesquisa e a geração de registro, o perfil dos sujeitos e aspectos gerais das aulas analisadas.

Para responder às perguntas de pesquisa entendo que é necessária a utilização de uma abordagem qualitativa/interpretativista, de cunho etnográfico, nas quais o pesquisador fica em contato direto com os participantes da pesquisa. Na geração de registros, me baseio nas propostas teóricas dos autores Lüdke & André (1986 e 2001) e André (1997); Bortoni-Ricardo (2008); Cavalcanti (2006); Martins & Theóphilo (2007) e Denzin, Lincoln e colaboradores (2006). A partir dos princípios propostos pelos autores, procurei gerar registros que auxiliassem no desenvolvimento dos objetivos lançados.

2.1 UMA FORMA DE INTERPRETAÇÃO

Tradicionalmente, as pesquisas feitas em Ciências Sociais adotaram a mesma linha metodológica das Ciências Naturais. Isto é, uma metodologia que contempla resultados quantitativos que permitem inferir generalizações e formular leis. Esse tipo de pesquisa, em linhas gerais, consiste na adoção de um método que pode testar teorias e hipóteses. Para executar tal tarefa, o pesquisador assume também uma postura distanciada de seu objeto de pesquisa (Demo, 1996). Essa postura pressupunha um não envolvimento do agente conhecedor com o objeto conhecido, isto é, pressupunha um posicionamento do pesquisador fora do contexto pesquisado, para que dessa forma fossem garantidas neutralidade e objetividade da pesquisa (Lüdke e André, 2001).

[Digite aqui]

Com o tempo, foi possível perceber que a pesquisa em Ciências Sociais requer necessariamente um foco na relação de intersubjetividades, já que seu objeto de investigação são seres humanos interagindo socialmente. Dessa maneira, não faz sentido falar de neutralidade e nem de dados generalizáveis, pois cada enunciação discursiva tem por detrás um sujeito que pensa, sente, que está inserido em determinado contexto sócio-histórico, que possui sua própria história, identidades e crenças.

Isso significa que os resultados obtidos da pesquisa em um determinado contexto social não serão necessariamente os mesmos obtidos em contexto distinto, pois a observação e a análise de um evento social implicam a subjetividade do olhar do próprio pesquisador. Isso significa também que um mesmo evento pode ser interpretado de maneira diferente, por sujeitos diferentes e que, portanto, a pesquisa, além de se apoiar numa literatura escolhida pelo pesquisador em questão, está sujeita à interferência das identidades sociais, políticas e ideológicas desse mesmo pesquisador.

Consequente e diferentemente das Ciências Naturais, a pesquisa interpretativista não se proclama neutra, pois, como sugere Demo (2000, p. 37) "o apelo à neutralidade científica é a fuga útil, para não ter que enfrentar a questão da ideologia". Ela se descreve como comprometida político-ideologicamente e como uma das interpretações possíveis de determinada realidade, comportando, assim, uma análise feita com base em um ponto de vista que se justifica exatamente pelos critérios estabelecidos pelo pesquisador, que estarão apoiados em suas opções teóricas.

Para Bortoni-Ricardo (2008, p. 42), a pesquisa interpretativista não deseja encontrar regras que se apliquem de maneira igual a todas as pessoas, levando em conta a estatística, senão que pretende analisar os diversos detalhes de uma situação específica para compará-la a outras situações. Seguindo essa ideia de pesquisa que contribua com pesquisas futuras, penso em meu estudo como algo que promoverá pensamentos e discussões futuras, contribuindo assim para um conhecimento em construção.

Dessa forma, muitos pesquisadores sociais utilizam hoje o paradigma interpretativista de pesquisa para dar conta de uma análise de dados, não mais quantitativa, e sim qualitativa, na qual o pesquisador está envolvido na pesquisa,

posicionado e comprometido ideologicamente no contexto pesquisado (Lüdke e André, 2001).

Para o desenvolvimento deste projeto entendo que é necessária a utilização de abordagem qualitativa/interpretativista, de cunho etnográfico, nas quais o pesquisador fica em contato direto com a fonte de dados.

2.2 A PESQUISA DE CUNHO ETNOGRÁFICO

Esta perspectiva de pesquisa, segundo Lüdke e André (1986, p. 11), citando Bogdan e Biklen (1982), se caracteriza por considerar o ambiente natural como sua fonte direta de dados e o pesquisador como seu principal instrumento; os dados coletados são predominantemente descritivos; a preocupação com o processo é muito maior do que com o produto; o “significado” que as pessoas dão às coisas e à sua vida são focos de atenção especial do pesquisador e a análise dos dados tende a seguir um processo indutivo.

A pesquisa etnográfica está diretamente relacionada à cultura, às produções culturais e à maneira como determinados grupos sociais se organizam, comportam-se e agem de acordo com os tipos de eventos e contextos sociais em que estão inseridos. Assim, “a preocupação com o todo social e com a visão dos participantes no contexto social” (MOITA LOPES, 2002, p. 138) e o fato de que esse tipo de pesquisa “permite aos pesquisadores construir uma descrição de eventos sociais e culturais desde a perspectiva dos participantes”.

A etnografia é necessária como um método de pesquisa social cujas características primordiais são a busca do ponto de vista dos participantes da cultura investigada e a alta contextualização dos dados. Assim, podemos dizer que é através da vivência diária com o grupo em questão que podemos obter dados que permitam uma melhor compreensão do que ocorre na sala de aula do ponto de vista dos participantes do grupo.

Para Moita Lopes (2002), a etnografia na sala de aula é uma parte da interação entre todos os participantes daquele espaço social, onde o investigador/pesquisador participa das atividades na tentativa de compreender os processos de ensinar/aprender línguas. Por isso, é importante participar na sala de aula como observador participante, escrever diários, entrevistar alunos e professores, gravar aulas em áudio e vídeo, etc., para então, tentar descobrir o que [Digite aqui]

acontece nesse contexto; como estão organizados os acontecimentos e como podemos comparar essas observações com outros contextos.

De acordo com Mattos (2002, p. 1),

a etnografia como abordagem de investigação científica traz algumas contribuições para o campo das pesquisas qualitativas que se interessam pelo estudo das desigualdades sociais: primeiro, por preocupar-se com uma análise holística ou dialética da cultura, isto é, a cultura não é vista como um mero reflexo das forças estruturais da sociedade, mas como um sistema de significados mediadores entre as estruturas sociais e a ação humana; segundo, por introduzir os atores com uma participação ativa e dinâmica no processo modificador das estruturas sociais.

Dessa forma, gostaria de ressaltar dois aspectos importantes em relação à etnografia citados por Mattos (2002): primeiro, o fato de a cultura ser considerada um sistema de significados e, segundo, o processo modificador das estruturas sociais desencadeado pela pesquisa etnográfica.

No que concerne à questão aqui proposta, a pesquisa de cunho etnográfico é o modelo que melhor se aplica, pois estou interessada em observar os significados surgidos e estabelecidos por alunos perante as nossas aulas de língua espanhola. Para tanto, a etnografia é necessária como um método de pesquisa social cujas características primordiais são a busca do ponto de vista dos participantes da cultura investigada e a alta contextualização dos dados.

A pesquisa etnográfica coloca-se, então, como uma descrição dos aspectos particulares que compõem a rotina diária das pessoas que atuam na sala de aula. Para Erickson (1989) os objetivos centrais da descrição etnográfica são “documentar e analisar aspectos específicos das práticas de fala, como estas práticas estão situadas na sociedade na qual ocorrem”. Tais objetivos são pertinentes uma vez que o presente trabalho investiga a interação em sala de aula, com grupos de alunos que conversam, interagem, expõem ideias em conjunto, face a face com outros colegas e comigo, professora.

Para Bortoni-Ricardo (2008, p. 33) “não há como observar o mundo independente das práticas sociais e significados vigentes. Ademais, e principalmente, a capacidade de compreensão do observador está enraizada em seus próprios significados, pois ele (ou ela) não é um relator passivo, mas um agente ativo”. Tal pesquisa qualitativa se constrói com base no interpretativismo, pois assim podemos encontrar um conjunto de métodos e práticas empregados

[Digite aqui]

nessa pesquisa: a pesquisa etnográfica, observação participante, estudo de caso, interacionismo simbólico, pesquisa fenomenológica e pesquisa construtivista, entre outros. A pesquisa feita em sala de aula requer a utilização de métodos que se guiem pela interpretação da vivência dos sujeitos pesquisados, para a observação e especialmente para a geração de registros e a análise dos dados.

A análise dos dados reverte ao pesquisador muita responsabilidade e ética, pois estarão ligados com depoimentos, conhecimentos de muitas pessoas e em relação direta com a sociedade. Quando o pesquisador se volta para a análise do fazer pedagógico e da eficiência de tal trabalho, como é o meu caso, há um interesse maior no processo do que no produto e nos significados que os atores sociais envolvidos conferem às suas ações, isto é, a busca por perspectivas significativas desses sujeitos é o importante.

Essa forma de pesquisa requer que o professor-pesquisador atue de forma consciente e responsável, para tanto cito Moita Lopes (2006, p. 89), na leitura que faz de Souza Santos (2003), o qual argumenta em favor de “conhecimento prudente para uma vida decente”. Também (ibidem) ampara e acolhe a ideia de que o conhecimento não pode ser generalizado, mas sim compreende a individualidade.

2.3 CONTEXTO DE PESQUISA E GERAÇÃO DE REGISTROS

Iniciando os estudos com uma revisão bibliográfica, seguida de pesquisa de documentos para amparar teoricamente o trabalho, coleta de dados, questionário e observação. As aulas serão gravadas, os alunos serão incitados a expor seus pensamentos e ideias e responderão ao questionário elaborado por mim (anexado na seção Apêndice), além disso, farei uma análise de minha atuação como professora. Para Lüdke e André (1986, p. 1)

“Para se realizar uma pesquisa é preciso promover o confronto entre os dados, as evidências, as informações coletadas sobre determinado assunto e o conhecimento teórico acumulado a respeito dele.”

A abordagem qualitativa possibilita um melhor desempenho e reais resultados na pesquisa, pois considera-se totalmente inserido socialmente na problematização e sua futura resolução. Segundo Lüdke e André (1986, p. 13), citando Bogdan e Biklen (1982), a pesquisa qualitativa ou naturalística envolve a obtenção de dados descritivos, obtidos no contato direto do pesquisador com a situação estudada, [Digite aqui]

ênfatiza mais o processo do que o produto e se preocupa em retratar a perspectiva dos participantes”

Como esta pesquisa pretende ser uma pesquisa-ação, os dados apresentados serão provenientes de gravações em áudio e vídeo, questionário, avaliações/*feedback* escritas pelos alunos após o término das aulas (feitas de forma anônima e opcional), após a devida autorização da escola e de seus respectivos responsáveis.

As aulas serão realizadas com os alunos da turma do curso Técnico em Guia de Turismo (2º semestre de 2018), da fase III, ou seja, nesta fase os alunos já tiveram contato com o ensino da língua espanhola durante a fase II (1º semestre de 2018), do Colégio Estadual Professor Manuel Moreira Pena (colégio Agrícola), em Foz do Iguaçu. A escolha pelo grupo focal teve por objetivo criar uma situação de interação mais próxima da vida cotidiana do que permite o encontro do pesquisador com o sujeito partícipe ou narrador. A turma é formada por estudantes de idades variadas e que já hajam concluído o Ensino Médio regular, totalizando 18 participantes. A participação foi voluntária e condicionada à presença de cada um em sala de aula, portanto, nem todos os participantes estavam presentes durante todas as aulas.

Com relação às gravações, optei por elas, por serem bastante úteis para se ter acesso às ações e reações, às atitudes e valores dos sujeitos, não exigindo habilidades específicas, pois se aproximam muito de uma interação rotineira, além de dar maior liberdade de ação para as atividades como professora, ou seja, minhas atividades de mediadora teriam um andamento normal durante as gravações e, possivelmente os alunos “esqueceriam” que estavam sendo observados no decorrer do período.

Dita turma apresenta uma interação muito boa entre si e quando o projeto de pesquisa foi apresentado todos aceitaram participar. O Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (Anexo 1) foi fornecido, lido e explicado em sala de aula para que todos pudessem refletir sobre a importância da pesquisa, deixando livre para a participação ou não de tal atividade e de sua posterior análise e publicação.

A proposta temática foi desenvolvida durante os meses de outubro e novembro de 2018, no período de aula (noturno), que ocorre toda quarta-feira, com início às 20h e término às 22h50. A sequência didática foi apresentada e colocada em prática pelas 9 horas/aula que exigiam. As aulas foram gravadas e transcritas [Digite aqui]

para serem analisadas. A participação dos 18 alunos varia de número com a presença ou ausência de alguns nos diferentes dias de aula, mas sem comprometer o trabalho de interpretação posterior.

A temática proposta em sala de aula estava indicada através de exercícios previamente elaborados por mim, que os alunos fizeram durante esse período. Ao trabalhar os conceitos de língua espanhola sobre como será o futuro ou como seria caso os projetos ocorressem. No conteúdo linguístico em questão (Futuro e Condicional), os alunos foram divididos em dois grandes grupos: grupo Lasanha e grupo Churrasco. Após as atividades de leitura, debate e prática de escrita e conversação sobre projetos de trabalho profissional futuro e como seria o futuro caso ocorressem determinados atos, as atividades seriam desenvolvidas com o uso do celular e uma rede social específica, o Google + (G+).

As aulas durante as quais ocorreram com o uso do celular foram divididas em 3 semanas sucessivas, durante o mês de outubro e novembro. Como professora solicitei que o Grupo Churrasco elaborasse 4 projetos para a inserção de imigrantes e refugiados na área de trabalho turística, para isso eles deviam pesquisar e elaborar textos, encontrar links que os auxiliassem nessa criação. O Grupo Lasanha faria os comentários em espanhol nos projetos e textos postados pelos colegas do Grupo Churrasco.

Já ao Grupo Lasanha foi solicitado que fizessem um projeto de conscientização sobre reutilização de produtos plásticos e sua reciclagem adequada, além do cuidado com o ambiente dentro e fora dos Parques Nacionais – como é o caso do Parque Nacional do Iguaçu.

No decorrer das aulas o número de alunos em sala de aula variava, o que é considerado normal em um curso de carga horária longa. Entretanto, como se trata de uma pesquisa qualitativa, esta amostra representante de um total de dezoito participantes parece ser adequada, pois não são utilizados dados estatísticos com objetivos quantificáveis e sim foram utilizados dados qualitativos cuja significação possibilita abarcar a interpretação dos dados obtidos em suas múltiplas dimensões.

Como professora e pesquisadora, tenho claro e tento transparecer para os discentes a importância da aprendizagem de Espanhol. Desde o princípio, ao nos depararmos com o funcionamento da linguagem, da maneira em que ela se manifesta em cada um de nós como sendo seres sociais, temos a plena certeza de que o que nos move é a língua, que é o começo de tudo; não há cultura, identidade,
[Digite aqui]

sociabilidade sem a absoluta existência de uma linguagem com a qual as pessoas possam relacionar-se, interagir. Para Travaglia, (1998, p. 23)

a linguagem é, pois, um lugar de interação humana, de interação comunicativa pela produção de efeitos de sentido entre interlocutores, em uma dada situação de comunicação e em um contexto sócio histórico e ideológico.

Todo processo de pesquisa em sala de aula proporciona momentos de muita reflexão e aprendizado, portanto as considerações que são feitas no decorrer do processo e posteriormente a ele proporcionam um grande aprendizado para o professor/pesquisador.

3 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

“Ninguém caminha sem aprender a caminhar, sem aprender a fazer o caminho caminhando, refazendo e retocando o sonho pelo qual se pôs a caminhar.”

Paulo Freire

3.1 UM AGENTE IMPORTANTE DO PROCESSO: O PROFESSOR

Atualmente, muitos professores de LA ainda ignoram o fato de que o ensino/aprendizagem de uma LA não se reduz às questões puramente sistêmicas (PCNs, 1998, p. 29). O deslocar-se a um outro sistema pode implicar o deslocamento da própria visão de mundo para ver com os olhos de outras culturas, sair de si, deixar de lado as próprias referências, as próprias espacialidades, as próprias temporalidades para conceber outras espacialidades, outras temporalidades, outros sistemas, em suma, outras formas de ler, compreender e atuar na realidade. Consoante Moita Lopes, (2006, p. 100)

Entendo que a sala de aula é um lugar onde se desenvolve uma prática educacional explicitamente voltada para a interculturalidade, onde os alunos podem se construir como indivíduos e como cidadãos, podendo aprender maneiras de ser e de agir socialmente e de se aproximar e relacionar com a diferença, reconhecendo que não há uma única forma de existir no mundo.

Importa neste momento a busca pela formação de um aprendiz que, além da competência comunicativa, tenha insumos que instiguem seu potencial para alcançar o perfil intercultural, pois além de se comunicar adequadamente em contextos interculturais, terá sensibilidade para perceber o impacto que a diferença cultural exerce no processo comunicativo. Em outras palavras, compreenderá os padrões de comunicação, as expectativas e interpretações do outro, e assim poderá interagir com seus vizinhos latino-americanos que se encontram tão próximos fisicamente e com tantas barreiras a romper no plano ideológico, econômico e político.

Aprender uma língua adicional configura-se uma experiência com alteridades, um diálogo com o outro. O adentrar em outras culturas é um modo de hibridizar-se (CANCLINI, 2001), de olhar o mundo com olhos emprestados, junto com os próprios olhos. Isso implica uma visão de identidades culturais não homogêneas, não

[Digite aqui]

essencializadas, isto é, uma visão de cultura que contemple a multiplicidade e a existência de contradições e rupturas em seus processos de transformação.

Uma escola que tenha professores imbricados nesses ideais de complexidade e hibridização, deve considerar muitas questões particulares, como responsabilidades na relação entre construir e aplicar conhecimentos, como contempla Magalhães (2004, p. 60), afirmando que:

Devem incluir questões da compreensão da escola como um espaço cultural, social e político e não apenas como um local de transmissão de conhecimentos neutros e desvinculados do contexto particular de ação e da sociedade mais ampla. Incluem também a compreensão da linguagem como um espaço para reflexão e negociação.

Há muitas dificuldades na introdução de mudanças nas escolas, apesar das inúmeras pesquisas com o objetivo de transformar a escola em um ambiente como o citado por Magalhães. Entre elas, encontramos o complexo contexto laboral do professor, no qual são elaboradas reformas educacionais e exige-se que sejam colocadas em prática rapidamente e sem o apoio teórico necessário; as demandas do conhecimento tecnológico; as diversidades familiares e comunitárias; os baixos salários. Um dos aspectos que me parece mais relevante se relaciona com a formação do professor como um educador reflexivo crítico, bem como a compreensão da linguagem na formação de um profissional capaz de descrever, analisar e interpretar a própria prática. Esse entendimento da linguagem possibilita que o professor desconstrua ações e representações habituais, cotidianas, repetitivas e crie diversas possibilidades de reconstrução do fazer didático/pedagógico. Para Magalhães (2004, p. 61), há uma barreira nessas mudanças, pois

(...) os modos como a linguagem vem sendo enfocada nos contextos de formação nem sempre possibilitam aos participantes a desconstrução de representações tradicionais que têm uma sólida base em uma pedagogia que entende ensino/aprendizagem como transmissão e devolução de conhecimento e está apoiada em um conceito estruturalista de linguagem.

Torna-se difícil a formação de profissionais que rompam as barreiras e reconstruam suas identidades profissionais buscando ouvir todas as vozes que fazem parte do processo ensino/aprendizagem e esperando que todos tenham vozes e ouvidos para colocar suas experiências, compreensões e discordâncias em

relação aos discursos dos outros. Nesse sentido, Magalhães (2004, p. 75) expõe da seguinte forma:

[...] formadores, bem como os professores em sala de aula, necessitam ter sempre em mente questões do uso do poder para deixarem-se surpreender pelas colocações dos outros participantes. Colocar-se sempre como um aprendiz é parte fundamental do conceito de ensinar.[...] ensinar implica aprender sobre as experiências, teorias, necessidades, objetivos, organizações discursivas do outro em contextos particulares.

Algumas vezes isso pode significar uma janela aberta para um novo mundo de cores, sentidos, sexualidades, geografias, histórias, gostos e a sensação que os acompanha de amplitude, de gozo, de sentir-se maior, mais conhecedor de si mesmo, decorrente da experiência de ampliar a visão de si mesmo, de deixar-se metamorfosear pela diferença e de se ver no outro e de ver o outro em si mesmo. Ensinar e aprender uma LA pode corresponder a um aprendizado de como lidar com a diferença.

A meu ver, essa tarefa não termina no ensino básico, ela deve ser a meta de todo e qualquer professor de qualquer nível, seja do ensino fundamental, médio ou superior. Por essa razão, considero que a universidade é um lugar onde, não só a formação da cidadania tem continuidade, como também é um local onde se consolida e pode adquirir contornos mais delineados, já que se trata de um público, por assim dizer, mais maduro intelectualmente e talvez em condições de atuar socialmente no sentido de questionar os “regimes de verdade”, as práticas de dominação e exclusão da diferença, sobretudo, em se tratando de futuros professores.

A sala de aula de espanhol língua adicional, considerada aqui, é um lugar onde professores e alunos podem (des)(re)construir e contestar significados sobre o mundo e onde os alunos estão negociando tais significados, que poderão, por sua vez, reconstruir suas identidades culturais. É, portanto, um lugar onde o pensamento se forma, onde se constrói conhecimento e expressam-se as relações que moldam a realidade. Conforme Moita Lopes (1998, p. 96), “O conhecimento é um processo para o qual colaboram aqueles envolvidos na prática da sala de aula, ou seja, compartilha-se aqui da ideia de que o conhecimento é uma construção social.”

Nesse sentido, a construção do conhecimento se dá por meio de um processo dialético estabelecido entre o indivíduo e o meio, pois o meio social atua de maneira

fundamental no processo de desenvolvimento do indivíduo e em sua aprendizagem: mudam-se as organizações nas bases sociais, mudam-se as formas de percepção e interação com a realidade dos indivíduos. Por outro lado, os indivíduos atuam no sentido da transformação da sociedade.

O professor é também considerado como aquele que, consciente de seu papel político, assume determinadas escolhas éticas junto aos seus alunos, devendo possuir uma atitude crítica de sua prática profissional.

Isso quer dizer, em primeiro lugar, que o professor não transmite conhecimento ao aluno; em segundo lugar, que o aluno não é receptor passivo de ideias pré-concebidas; em terceiro lugar, que o aluno não aprende sozinho e sim numa relação de troca e de parceria e que o conhecimento será, portanto, o que puder ser construído na composição professor/alunos.

No ensino de idiomas, não se pode prescindir da variação intrínseca das línguas, portanto, justifica-se a importância dada tanto à contextualização sócio-situacional, como às variantes linguísticas. Em outras palavras, o ensino de determinada língua obterá melhores resultados quando o conteúdo estiver voltado para as necessidades funcionais dos alunos, ou seja, a língua em seu contexto de uso social.

Então, nos deparamos com perguntas/desafios como: Que tipo de professor queremos ser? Qual será nossa prática em sala de aula? Que discursos estaremos consolidando ou contestando? Temos consciência do nosso próprio discurso e das nossas ideologias, e conseqüentemente, do nosso papel em sala de aula?

Entende-se que, estudar uma língua e seu uso não significa apenas incorporar um conjunto de itens de vocabulário ou aprender e apreender um conjunto de normas para a estruturação de um enunciado, e sim, estudá-los como objeto contextualizado, levando-se em consideração os falantes-interlocutores e as circunstâncias nas quais a linguagem é usada. Sob este enfoque, Alkmin (2005, p. 24) enfatiza que:

[...] a linguagem é, eminentemente um fato social. Tem-se frequentemente repetido que as línguas não existem fora dos sujeitos que as falam, e, em consequência disto, não há razões para lhes atribuir uma existência autônoma, um ser particular. Esta é uma constatação óbvia, mas sem força, como a maior parte das proposições evidentes. Pois, se a realidade de uma língua não é algo substancial, isto não significa que não seja real. Esta realidade é, ao mesmo tempo, lingüística e social.

Os docentes enfrentam o desafio histórico de associar os conteúdos contemporâneos no currículo de sua formação com as necessidades e interesses do mundo real, cada vez mais amplos e sofisticados.

Nesse sentido, a identidade profissional do futuro professor de qualquer língua, seja ela adicional, estrangeira ou materna necessita ser pensada a partir da organização curricular, pressupondo um diálogo constante entre reflexão e ação. O conhecimento que constitui o currículo ligado, intrinsecamente, àquilo que somos, àquilo que nos tornamos: a (re)construção da nossa identidade, a nossa subjetividade.

Entendo que o ensino de língua adicional é uma tarefa muito mais ampla do que a de ensinar estruturas linguísticas com fins comunicativos. Compartilho a ideia explicitada nos PCNs para LA (1998), de que o ensino de LA deve estar comprometido com a formação da cidadania e das identidades culturais dos sujeitos envolvidos no processo ensino/aprendizagem. Compreendo que a sala de aula é um lugar onde se desenvolve uma prática educacional explicitamente voltada para a cultura, onde os alunos se constroem como indivíduos e como cidadãos. Daí a importância do papel e do trabalho do professor.

3.2 AMPLIANDO OS HORIZONTES: (MULTI)LETRAMENTOS

Partindo dos conceitos de alfabetização e letramento, é importante salientar a diferença que este último traz para o ensino de línguas adicionais. Para Moraes e Souza (2015), letramento e alfabetização estão em lados opostos, se considerarmos o caráter individual, peculiar da alfabetização em contraponto a natureza social do letramento, que se concentra nos aspectos socio-históricos da aquisição da escrita, analisando as mudanças sociais que foram ocorrendo como consequência de práticas de leitura e escrita muito além da alfabetização.

Este mesmo construto mostra-se plural uma vez que são incorporados os diversos signos significativos e atuais de leitura e escrita, como são as tecnologias de informação e comunicação. Dessa forma, indivíduos que se apropriam de competências essenciais na sociedade atual descobrem novas formas de se comunicar e interagir, levando-os a sobrevivência em um mundo já virtual.

Neste momento surge o termo “multiletramentos”¹, que associa as novas formas de interação as antigas, ampliando o leque de oportunidades de aprendizagem. Para Moraes e Souza (2015, pp. 1-18)

Com isso, os indivíduos descobrem novas formas de se comunicar e interagir através do uso de novas tecnologias, dentre essas formas trazemos como exemplo: o uso de caixas eletrônicos, senha em bancos, telefones celulares, cartões magnéticos, correspondências eletrônicas, mensagens via celulares, etc.

A tecnologia tem desempenhado um papel muito importante no processo de ensino e de aprendizagem de línguas adicionais, principalmente quando nos referimos às práticas sociais, tendo em vista os novos sentidos de uso da língua como instrumento de interação cotidiana. É habitual o uso das tecnologias com seus recursos comunicativos para aprimorar seu aprendizado, deixando de lado modelos adotados pela escola, apoiados em sua maioria em estruturas gramaticais arcaicas, pré-concebidas e descontextualizadas de suas realidades.

Cope e Kalantzis (2008a), citados por Rojo (2013, p. 137),

salientam a importância da criação de contextos de aprendizagem que despertem a sensibilidade dos aprendizes para o mundo global digital. Os autores enfatizam que aprendizados cotidianos são diferentes de aprendizados escolares. Isso significa que, para eles, os aprendizados cotidianos envolvem movimentos endógenos, involuntários, inconscientes, amorfos, casuais (fortuitos), indiretos. Já os aprendizados desenvolvidos em contexto escolar são exógenos, conscientes, sistemáticos, explícitos, estruturados, orientados. Isso quer dizer que o primeiro está em toda parte e este último deve estar embasado em um design previamente constituído (currículo e/ou pedagogia).

A partir do citado anteriormente, Rojo (2013) expõe a ideia de que o aprendizado pode ser influenciado por vários aspectos, entre eles os culturais, contudo deve-se observar que quando o aprendiz percebe que a língua está vinculada a sua identidade, isso serve como alavanca no processo.

Rojo (2013, p. 137), afirma que

Em um design de currículo pluralista, culturas e identidades dos aprendizes devem fazer parte da construção do conhecimento. Para isso, é preciso levar em conta três elementos: os modos de aprendizagem, os conteúdos de aprendizagem e o grupo envolvido ou o contexto estabelecido no processo de aprendizagem. As diferenças (culturais, identitárias) são positivas nesse contexto de

¹ Cunhado pelo Grupo Nova Londres (GNL), formado por dez autores-pesquisadores advindos de países diferentes, que se reuniram, em 1996, em Nova Londres, New Hampshire nos Estados Unidos.

aprendizagem, pois podem conduzir o aprendiz a percepção e a colaboração com as diferenças. Essas diferenças podem estar relacionadas, notadamente, a etnia/raça (grupos minoritários, migrantes, indígenas, dentre outros), gêneros (e orientação sexual), grupo socioeconômico, comunidades (locais/regionais e globais) e/ou diferenças de ordem física ou cognitiva.

A linguagem multimidiática envolve nossas emoções e estéticas, pois possui o poder da imagem, dos sons, da cor e do design, tornando o aprendizado muito mais significativo, de modo a propiciar diferentes entendimentos quando comparado ao método estruturalismo de ensino de uma língua adicional. Interatividade oportuniza ao aprendiz de participar diretamente na construção do significado, sendo considerado um processo de colaboração.

Pensando de maneira pragmática, essa visão do conceito contribui para a prática pedagógica aos docentes que julguem pertinente e queiram investigar quais os letramentos são privilegiados e realmente postos em prática por seus alunos, nas diversas salas de aula, tendo como consequência o pensamento do professor-pesquisador sobre se está oportunizando, realmente, práticas de linguagem que lhes serão úteis para as amplias atuações em esferas pessoais, profissionais.

Moraes e Souza (2015) afirmam que esse enorme leque de possibilidades de comunicação e interação possibilita experiências enriquecedoras de aprendizagem em ambientes colaborativos, dinâmicos, atraentes e instigantes. Para as autoras (2015, p. 5), “pensamos ser papel da escola preparar os aprendizes envolvidos em um contexto educacional para serem agentes da própria aprendizagem, em uma era notavelmente marcada pela necessidade de um indivíduo multiletrado.”

Pensar e insistir em concepções de língua e ensino antiquados e demasiadamente conservadores, que somente aumentam a distância entre o mundo real e tecnológico do mundo da educação básica somente trará desgaste e nada produtivo. Dessa forma, a ideia de letramentos trazido neste trabalho está ligada ao entrelaçamento dos aprendizes com seus próprios aprendizados; ao pensamento de que um aluno questionador pode viver seu conhecimento de forma ampla e constante, tanto dentro do espaço formal de aprendizado quanto fora dele; o aprendiz não é mais visto como um receptor vazio, mas como parte essencial da construção de sentidos e re/formador de outros conhecimentos.

Com esse olhar e atitude, o aluno inserido em um ensino voltado para as teorias de (multi)letramento vai além da ideia original das competências de leitura e escrita de textos de modo rígido e mecanizado.

4 O CELULAR COMO FERRAMENTA PEDAGÓGICA

“Quando o homem compreende a sua realidade, pode levantar hipóteses sobre o desafio dessa realidade e procurar soluções. Assim, pode transformá-la e o seu trabalho pode criar um mundo próprio, seu eu e as suas circunstâncias.”

Paulo Freire

Neste capítulo do trabalho, apresento, analiso, interpreto e discuto os resultados da pesquisa com a finalidade de alcançar os objetivos propostos e responder às perguntas que direcionam este estudo.

Em um primeiro momento analiso as aulas gravadas e busco uma identificação com uma professora que está ambientada com as tecnologias de informação e comunicação e que, portanto, proporciona, de forma crítica, um processo de ensinar por meio de contextos de (multi)letramento; a seguir, apresento os dados gerados através do questionário, respondido pelos alunos após as aulas, que possibilitaram uma interpretação sobre como os aprendizes trabalharam com o celular e a rede social escolhida e quais foram suas percepções sobre o aprendizado, além de elencar as dificuldades encontradas por eles e por mim durante todo o processo.

4.1 PROFESSORA E PESQUISADORA: OLHAR ATENTO DURANTE TODO O PROCESSO

Há muitas dificuldades na introdução de mudanças nas escolas, apesar das inúmeras pesquisas com o objetivo de transformar a escola em um ambiente ideal. Entre elas, encontramos o complexo contexto laboral do professor, no qual são elaboradas reformas educacionais e exige-se que sejam colocadas em prática rapidamente e sem o apoio teórico necessário; as demandas do conhecimento tecnológico; as diversidades familiares e comunitárias; os baixos salários. Um dos aspectos que me parece mais relevante se relaciona com a formação do professor como um educador reflexivo crítico, bem como a compreensão da linguagem na formação de um profissional capaz de descrever, analisar e interpretar a própria prática. Esse entendimento da linguagem possibilita que o professor desconstrua

ações e representações habituais, cotidianas, repetitivas e crie diversas possibilidades de reconstrução do fazer didático/pedagógico.

Excerto 1 – Aula gravada 1

Professora: vocês acham que é importante aprender o que do espanhol, a gramática, aprender a se comunicar, o que é importante para vocês, futuros guias de turismo?

*M – c: Na verdade o espanhol na escola, foi feito que **nós que estamos na divisa com o Paraguai, na minha opinião foi feito pra se comunicar, e a gente vai falar com o espanhol, não sabe nem o que fala, então foi feito para ter uma comunicação mais direta. (grifo meu)***

*F – b: Eu também acho, igual ao português, **a gente não precisa aprender a gramática para falar com outra pessoa, a gente fala errado, mas a pessoa entende, o mais importante do espanhol é para se comunicar com outras pessoas, ainda mais aqui que é fronteira, aí tem bastante pessoa que fala o espanhol, turistas.***

Os alunos entendem o aprendizado da língua adicional de forma isolada, sem fazer as relações com os diversos contextos, mas pretendem levá-lo em seu cotidiano profissional. A sugestão de acrescentar às dinâmicas das aulas uma metodologia diferente da que eles estavam acostumados diariamente deixou-os surpresos e ansiosos. O professor precisa apresentar formas diversas de ensino e fazer com que os alunos reflitam sobre seu aprendizado, sendo partícipes da totalidade do processo de ensino e da aprendizagem.

Ao professor é dada toda gama de acessórios, mas ele pode ir além dos apetrechos comuns da sala de aula e complementar através das novas tecnologias para mudar essa visão da comunicação voltada para um objetivo meramente comercial.

No final do segundo semestre de 2018, eu pedi aos alunos que escrevessem alguns comentários sobre nossas aulas e que enviassem sugestões, críticas sobre minha atuação durante nossos encontros. Como era opcional e as aulas já haviam acabado, recebi algumas respostas ao meu pedido. Esse *feedback* escrito não fazia parte do projeto de pesquisa, mas é uma rotina minha como professora. Trago a

seguir alguns desses comentários que contribuem para uma análise da minha atuação em sala de aula.

Excerto 2: comentário escrito por um(a) aluno(a) da turma (anônimo)

Devo parabenizá-la pela dedicação que dispensou a nós. Seus métodos são eficientes, pois aprendi mais em apenas um semestre, do que em anos morando e convivendo com latinos. Não me atreveria a criticar um “coma” sequer. Sem falsas afirmações, pois a melhor no que se propusestes a fazer.

Excerto 3: comentário escrito por um aluno da turma (identificou-se) M-a

Eu posso afirmar que o celular é uma ferramenta muito útil para estudar e aprender muitas coisas, principalmente para quem é autodidata, porém o modelo tradicional ainda traz mais benefícios pelo simples fato de termos a presença da professor(a) para tirar dúvidas em tempo real, algo que na rede social, por vezes, não é possível e em alguns casos, os usuários não conseguem filtrar o conteúdo.

O primeiro aluno, apresenta uma imagem de aprendizagem produtivo e eficaz, com nenhuma falha, que creio difícil de acontecer, entretanto, percebo alguns ajustes no tocante à previsão de que haveria problemas pela falta de Internet wi-fi disponível para os alunos em sala de aula. A rede que está à disposição dos alunos, somente pode ser utilizada no pátio da instituição; fiz um pedido especial à direção e à supervisão, mas foram irredutíveis e negaram meu pedido, pois alegaram que se abrissem uma exceção, todos querariam esse mesmo privilégio. Nesse sentido, não consegui alterar nossa rotina em sala e muitos usavam sua Internet paga e outros roteavam o sinal de Internet de seus colegas. O que aparece na transcrição das falas a seguir.

Excerto 4: aula gravada 1

Professora: Todos consiguieron accesar el G+?

M-a: Eu não. (...)Não tenho sinal de rede aqui. Acho que (...) agora sim. Consequi! Acho que as aulas poderiam ser no laboratório de informática, professora. Lá tem sinal de wi-fi. Ou(...) eles podiam liberar o sinal de wi-fi pra nós.

(...)

F-c: Aqui tá difícil! Seria uma boa uma rede wi-fi para todos poderem participar da atividade.

Esse problema foi resolvido durante o primeiro momento da primeira aula com esse método. Outro problema que não apareceu na gravação, foi a falta de um celular *smatphone*, pois o aluno falou em particular comigo, dizendo que o aparelho dele havia quebrado e que estava usando um modelo antigo, sem acesso às redes sociais.

Os docentes, assim como eu, enfrentam o desafio histórico de associar os conteúdos contemporâneos ao currículo de sua formação com as necessidades e interesses do mundo real, cada vez mais amplos e sofisticados.

As aulas mostram-se mais dinâmicas e as soluções aos problemas devem aparecer no momento e a programação precisa prever certos empecilhos. O professor necessita de características muito mais de gestão do que se pensa. O professor precisa saber resolver problemas antes mesmo que alguém perceba; que esteja em constante evolução, que faça cursos; que discuta com clareza; que responda rapidamente com soluções originais; que combine cursos de idiomas, com vivência no exterior e com o domínio de uso do computador.

A percepção das diferentes realidades das escolas torna-se primordial ao elaborar o programa para o desenvolvimento das aulas. Cada comunidade tem suas características e cada aprendiz também possui as suas particularidades, portanto, quando se desenvolve qualquer projeto com a utilização de algo relativamente novo, haverá dificuldades que podem ou não ser superadas e o mais difícil é encontrar o limite entre a insatisfação profissional ou a glória de conseguir o resultado quase adequado.

4.2 O CELULAR E SUA UTILIDADE PEDAGÓGICA

Foi unânime o interesse dos alunos em utilizar um instrumento diferente em sala de aula, é claro que eles usavam o celular em sala, mas não como ferramenta necessário e sim como um objeto de pesquisa auxiliar, em momentos isolados. Todos eles (18 alunos) responderam de forma esperada à primeira pergunta de qual era o uso que davam ao aparelho no dia a dia: para conversar no *whatsapp*, para mandar mensagem aos amigos e para navegar nas redes sociais. Entretanto, as respostas acrescentaram uma valiosa forma de aprender, pois 16 alunos já usam o celular para elaborar trabalhos e as redes sociais, como *facebook*, como meio de

apresentação de pesquisas e trabalhos escolares. Contudo, os trabalhos são feitos, principalmente, em casa e postados em tempos diferentes.

A proposta de usar o celular no momento da aula foi uma surpresa e durante todo o processo houve vários questionamentos. Como aparece na transcrição que segue.

Excerto 5: aula gravada 1

M-c: Profesora, puede me ayudar?

Professora: Sí, que pasa?

*M-c: **yo no sei usar este aplicativo.***

Professora: Bueno, vamos a ver. Dejame ayudarte. (...) alguien más está con dificultad con el G+? O alguien aún no fue invitado a participar de la comunidade?

(...)

F-a: Aquí, yo conseguí! Encontré un link muy bueno sobre los refugiados!

*M-c: **Puedes ayudarme, F-a?***

Em várias oportunidades a melhor solução era fazer com que eles trabalhassem juntos, cada um com seu celular, mas apoiando um ao outro. As dificuldades foram somente nas duas primeiras aulas, até que todos estivessem familiarizados com o ambiente da rede social e com os objetivos da atividade.

Como a turma era pequena, a atividade proposta por mim foi que se dividissem em dois grandes grupos para selecionar os temas e abrissem as discussões para o grande grupo. Dessa forma comunitária, o incentivo à produção dos trabalhos e ao aprendizado colaborativo foi excelente.

O questionamento feito sobre o uso do celular e das redes sociais em sala de aula como instrumentos de aprendizagem foi respondido, em sua maioria, igualmente: somente nas aulas de espanhol estamos realmente usando o celular em todos os momentos do processo de aprendizagem; desde como acessar uma nova rede social, até fazer a seleção e a postagem das atividades exigidas pela professora.

Os arquivos compartilhados das atividades propostas foram analisados e explorados pelos alunos. Para percebermos o aproveitamento do celular, os alunos expuseram em sala sua opinião:

Excerto 6- aula gravada 3

F-d: Nossa! Mira o que él colocó aqui, gente! Esta es la imagen que tus conterraneos, M-e. Mira, são haitianos trabajando en São Paulo. Es un proyecto muy bueno. (...) Podemos usar como ejemplo para hacer o nosso.

M-e: Sí, yo tengo muchos amigos en Brasil! (...) Estoy gustando mucho de estas aulas, professora. Aprendiendo mucho con usted y con coisas diferentes. Me pareceu tudo muito fácil y estoy aprendiendo mucho mejor.

M-e expõe seu agrado no conteúdo encontrado pela colega e exalta o aprendizado, tanto do conteúdo quanto da língua, pois explicita na língua alvo, algo que muitas vezes não ocorre em sala de aula. Sua colega de grupo apresenta surpresa ao deparar-se com outros haitianos em São Paulo, este dado não é do interesse da pesquisa, entretanto contribuiu para o aprofundamento da atividade em questão e direcionamentos para a reflexão da questão dos refugiados.

Em outra oportunidade, os alunos, já familiarizados com a rede social, consideravam as oportunidades de acrescentar seus comentários de forma mais criativa e consistente com a língua adicional, então propuseram aos demais integrantes do grupo que cada um buscasse textos complementares, mas que modificassem com suas palavras e depois explicassem seus métodos de resolver o problema de falta de trabalho dos refugiados.

Excerto 7 – aula gravada 4

M-f: Eu achei, opa.(...) Encontré este texto, M-d. Mira que bueno. Entonce podemos mudar aqui. Esta ideia de colocar trabajando juntos con otros en el mismo lugar.

M-d: Mira esta imagen y este link. (...) PROFESORA(...) Como es “Link” en español?

Professora: Puedes decir enlace, pero creo que link todos entienden.

Nota-se, na fala de M-f uma iniciativa, que antes não era comum a eles, de buscar novos dados e modificar seu conhecimento do que já haviam encontrado. Percebe-se uma reflexão sobre a situação dos haitianos no Brasil, principalmente em Foz do Iguaçu, e uma tentativa de inteirar-se do problema, buscando soluções. O aprendizado da língua adicional ocorre na pesquisa e formação dos projetos; na leitura dos textos encontrados e publicados por eles; nos comentários feitos na rede social, após a publicação das propostas; nas múltiplas perguntas feitas a mim durante todo o processo em sala de aula. O entusiasmo pelo uso do celular se percebe por muitos dos comentários similares a este escrito por uma aluna no final do semestre de 2018.

Excerto 8 – comentário escrito pela aluna F-d

O celular é um instrumento que pode ser usado sim para aprender novas línguas. Tendo acesso a internet é usado em qualquer lugar, tornando o aprendizado mais dinâmico e acessível a todos.

O processo avaliativo ocorreu durante todos os momentos das aulas, mas a nota quantitativa exigida pela instituição foi dada através da qualidade dos textos e projetos postados na rede social e depois pela apresentação oral dos grupos.

Entretanto, o que mais marcou foi o interesse demonstrado pelos aprendizes no conteúdo pesquisado por eles. Não consegui detectar os porquês de tanto interesse, mas faço agora algumas suposições: havia um aluno haitianos entre eles; o assunto era atual e vinha ao encontro do trabalho diário deles; a mescla de tipos textuais e autonomia para o aprendizado. Essas hipóteses poderão, quem sabe, fazer parte algum outro trabalho de pesquisa.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

No momento em que fiz a proposta, à turma, da utilização do celular e mais especificamente de uma rede social como ferramenta de ensino, a maioria aceitou tranquilamente e apoiou a participação na pesquisa. Claro que alguns entraves surgiram, tais como: pouco tempo de aula; a internet não estaria disponível para os alunos em sala de aula e muito não tinham planos de internet próprios e/ou não tinham o aparelho smartphone. Todas essas dificuldades foram sendo transpostas com algumas soluções que o professor precisa prever e/ou resolver no momento da aula. Alguns alunos somente completavam as atividades propostas em suas casas.

O G+ saiu do ar; como essas redes sociais são obsoletas e mudam constantemente. Parece importante abordar, também, o porquê de usar uma rede social em sala de aula. pensando em definição de rede social como uma forma de comunicação entre amigos que estão distantes. mas essa utilização e definição já está em desuso, pois falar por rede social, mesmo estando em contato pessoal tornou-se comum.

Pensando na multiplicidade de práticas de letramento que são ou que podem ser desenvolvidas atualmente, tornam-se importantes as discussões e reflexões metodológicas e teóricas englobando o uso das redes sociais como prática na construção do conhecimento linguístico.

Ser letrado hoje é muito diferente do arcaico sentido tão conhecido e abandeirado por alguns, pois na contemporaneidade a demanda é muito mais ampla, envolvendo competências e habilidades de leitura e escrita que se movimentam, combinando-se às diversas mídias e aos mais variados significados sociais atribuídos aos textos nos diferentes contextos de produção e distribuição. Além disso, há uma combinação de sons, movimentos, imagens que produzem uma gama de sentidos, tendo em vista os textos multimodais, confeccionados em diversos suportes.

Para mergulhar no profundo mundo multifacetado, o professor precisa desvincular-se de verdades/certezas das quais o mantém inerte e fora da contemporaneidade. Deve-se compreender a poesia do mundo, o ensino e as aprendizagens que estão abraçados por palavras, sons, cores, sabores, movimentos e que viajam rapidamente, desconsiderando tempos e distâncias. O professor
[Digite aqui]

precisa também aceitar as alteridades, ouvir as outras vozes e provocar novos olhares.

Em decorrência de todas essas mudanças, percebe-se a necessidade de uma mudança urgente no currículo, não só da escola, mas também dos cursos de graduação de licenciaturas, observando as exigências sociais, a diversidade linguística. Só assim, o professor apoderar-se-ia de uma realidade factual e trabalharia visando um aprendiz empoderado em sua sociedade tecnológica digital.

Ao nos referir ao processo de ensino e de aprendizagem a partir da perspectiva intercultural e de (multi)letramento, devemos considerar que é no espaço de idas e vindas entre elementos apreendidos e os diferentes contextos a que podem ser referidos, é que pode emergir o novo, isto é, alguns processos de criação podem ser estimulados até o último nível.

Quando se observa a continuação de uma abordagem e de metodologias que já não estão adequadas às exigências do ensino da língua espanhola, reduzindo a aprendizagem às antigas linhas, isto é, a comunicação, a gramática e a aspectos motivacionais, encontramos as portas abertas para modificar o trabalho e tentar remodelar as antigas concepções, através de trabalhos de formação docente, mais críticos e alinhados ao caráter intercultural. Por se tratar de uma pesquisa *in loco*, também, foi possível manter um contato mais próximo com o ambiente escolar e isso possibilitou lançar olhares para questões que em breve poderão vir a se tornar objetos de estudo.

Portanto, inquietam-me questões voltadas, principalmente, para a formação do professor e em que ordem estão as discussões sobre as necessidades e os desafios propostos pelo (multi)letramento? Por isso, estas questões configuram a preocupação com ensino de línguas adicionais e as diferentes formas de interação, no contexto da cibercultura.

REFERÊNCIAS

ALKMIN, Tânia M. **Sociolinguística**. In MUSSALIN, Fernanda; BENTES, Ana Christina (Orgs.). **Introdução à linguística**. São Paulo: Cortez, 2005.

BORTONI-RICARDO, S. M. **O professor pesquisador: introdução à pesquisa qualitativa**. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

BRASIL. Lei 9394, de 20 de dezembro de 1996. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Diário Oficial da União, Brasília, 23 de dez. de 1996.

CANCLINI, N.G. **Consumidores e cidadãos; conflitos multiculturais da globalização**. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2001. Tradução de Maurício Santana Dias e Javier Rapp.

_____. **La Globalización: ¿productora de culturas híbridas?**. Argentina - México. 2002. Disponível em: <http://www.hist.puc.cl/iaspm/pdf/Garciacanclini.pdf>. Acesso em maio de 2018.

COSTA, L. P. S. **Os multiletramentos na formação docente continuada e o ensino de língua portuguesa**. In (Multi)letramentos, Formação de Professor e Tecnologias na Cibercultura Ago 2018. v. 4 n. 5. Disponível em <https://sistemas.uft.edu.br/periodicos/index.php/observatorio/article/view/5633>. Último acesso em: 10/06/2019.

LEFFA, Vilson J.; IRALA, Valesca Brasil. **O ensino de outra(s) língua(s) na contemporaneidade: questões conceituais e metodológicas**. In: Vilson J. LEFFA; Valesca B. IRALA. (Orgs.). Uma espiadinha na sala de aula: ensinando línguas adicionais no Brasil. Pelotas: Educat, 2014, p. 21-48
Disponível em <http://www.leffa.pro.br/textos/trabal.pdf>. Acesso em outubro de 2018.

LÜDKE, M.; ANDRÉ, M. E.D.A. **Pesquisa em Educação: abordagens Qualitativas. (Temas Básicos de educação e Ensino)**, São Paulo, EPU, 1986.

MAGALHÃES, M.C.C. Etnografia colaborativa e desenvolvimento do professor. **Trabalhos em linguística aplicada**, n.23, p. 71-78, 1994.

MAGALHÃES, M. C. Camargo (org.). **A formação do professor como um profissional crítico: linguagem e reflexão**. Campinas, SP: Mercado das Letras, 2004.

MOITA LOPES, L. P. **Oficina de linguística aplicada: a natureza social e educacional dos processos de ensino/aprendizagem de línguas**. Campinas, SP: Mercado das Letras, 1996.

MOITA LOPES, L. P. **Identidades fragmentadas: a construção discursiva de raça, gênero e sexualidade em sala de aula.** Campinas: Mercado de Letras, 2002.

_____, **Introdução**, In. MOITA LOPES, L.P. (org.). **Discursos de identidades.** Campinas: Mercado de Letras, 2003.

MOITA LOPES, L. P. **Linguística aplicada e vida contemporânea: problematização dos construtos que tem orientado a pesquisa.** In: L. P. MOITA LOPES. (Org.). **Por uma linguística aplicada INDISCIPLINAR.** São Paulo: Parábola Editorial, 2006, p. 85-107.

MORAES, M.L.M.;SOUZA,S.A. **Línguas estrangeiras e as mídias sociais: uma relação possível.** Revista Desempenho, n.24, v.1, pp. 1-18, 2015.
Disponível em <http://periodicos.unb.br/index.php/rd/article/view/9416>. Último acesso em: 10/05/2019.

RHUSDIE, Salman. **Cruze esta linha: ensaios e artigos.** São Paulo: Cia das Letras, 2002.

SANTOS, Maria Elena Pires. **O cenário multilíngue/multidialeto/multicultural de fronteira e o processo identitário "brasiguai" na escola e no entorno social.** Tese de doutorado em linguística aplicada. Campinas. Unicamp, 2004.

SANTOS, Maria Elena Pires; CAVALCANTI, Marilda Do Couto. Identidades híbridas, língua(gens) provisórias alunos "brasiguaios" em foco. Scielo Brasil. **Trabalhos de linguística aplicada.** v. 47, n. 2, p. 429-446, July/Dec. 2008.

APÊNDICES

APÊNDICE A - TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO - TCLE
Título do Projeto: O USO DO CELULAR COMO FERRAMENTA PEDAGÓGICA: O ENSINO DE ESPANHOL COMO LÍNGUA ADICIONAL ATRAVÉS DAS REDES SOCIAIS.

Pesquisador responsável e colaboradores com telefones de contato: Professora Doutora Jorgelina Tallei – 45 998357892 e Tania Oroná Betancor – 45 999630203

Convidamos Vossa Senhoria a participar de nossa pesquisa que tem o objetivo de **propor atividades de ensino de língua espanhola como língua adicional com o uso do celular e analisar sua eficácia durante o processo**. Para isso serão realizadas as gravações de várias aulas, nas quais serão utilizados os celulares e algumas sequências didáticas; conversas gravadas, entrevistas semi-estruturadas, debates e conversas sobre esse assunto, em sala de aula.

Durante a execução do projeto o(a) senhor(a) terá a liberdade de expor sua opinião de maneira que mais lhe convier, podendo falar sobre o que considerar adequado respeitando-se, sempre, sua opinião pessoal.

O procedimento como antes citado consistirá em gravar e depois reproduzir as falas e nos comprometemos que todas as informações serão mantidas em sigilo e que sua identidade será preservada.

Os riscos serão mínimos para os participantes, já que adotaremos as medidas para manter o sigilo e as providências para que nada possa identificá-lo. O local para as gravações e entrevistas semi-estruturadas será em sala de aula, como antes mencionado e somente participará se quiser e quando quiser.

Para qualquer questionamento, dúvida ou relato de algum acontecimento, os pesquisadores poderão ser contatados a qualquer momento. Lembrando que esta pesquisa é importante para estabelecer alguns conceitos que possam ajudar na melhoria do ensino da Língua Estrangeira Moderna nas cidades de fronteira, tal como Foz do Iguaçu, portanto sua participação em nossa pesquisa é de suma importância.

Informamos também que o Sr. (a) não receberá pagamento e que não vai pagar para participar desta pesquisa. As informações obtidas, resultante desta

[Digite aqui]

pesquisa, somente serão usadas para a realização da Monografia de conclusão de curso de Pós-Graduação em Ensino de Língua Adicional da Unila e publicações ou em apresentação em eventos científicos, sendo suas identidades preservadas uma vez que adotaremos, na análise da transcrição dos dados, siglas e não o nome dos participantes, como por exemplo: M-a, M-b, F-a, F-b.

A pesquisadora compromete-se a esclarecer quaisquer dúvidas e a reparar danos ou prover meios para a reparação, se estes surgirem. A qualquer momento sua senhoria poderá solicitar informações ou esclarecimentos sobre a participação ou sobre esta pesquisa diretamente ao pesquisador responsável – Professora Doutora Jorgelina Tallei e com a pesquisadora colaboradora Tania Oroná Betancor, pelos telefones anteriormente citados.

Este documento será feito em duas vias, sendo que uma ficará com vossa senhoria e a outra ficará com os pesquisadores, se em algum momento vossa senhoria quiser cancelar sua participação poderá entrar em contato com os pesquisadores nos telefones dispostos acima, bem como se surgirem quaisquer dúvidas.

Declaro estar ciente do exposto e aceito participar da pesquisa.

Nome do sujeito de pesquisa ou responsável:

Assinatura:

Nós, Professora Doutora Jorgelina Tallei, pesquisadora responsável e Tania Oroná Betancor, pesquisadora colaboradora, declaramos que fornecemos todas as informações do projeto ao participante e/ou responsável.

Foz do Iguaçu, 10 de setembro de 2018.

Professora Doutora Jorgelina Tallei
Pesquisador responsável
Professora orientadora da monografia

Tel (45) 998357892

Tania Oroná Betancor
Pesquisadora colaboradora

Celular (45) 99630203

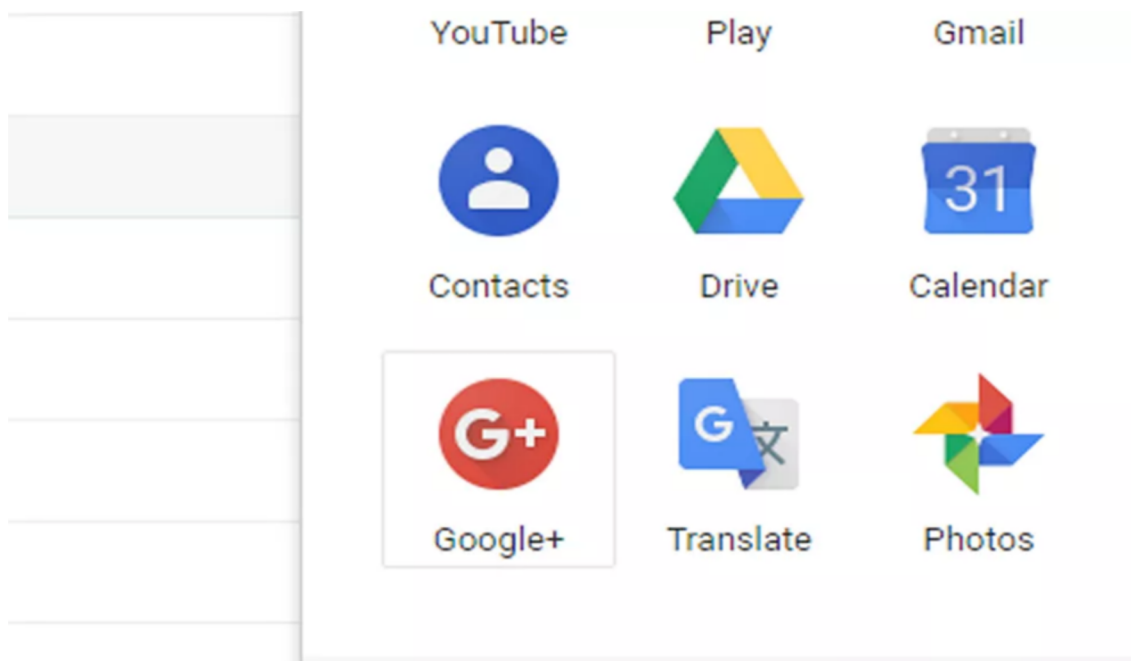
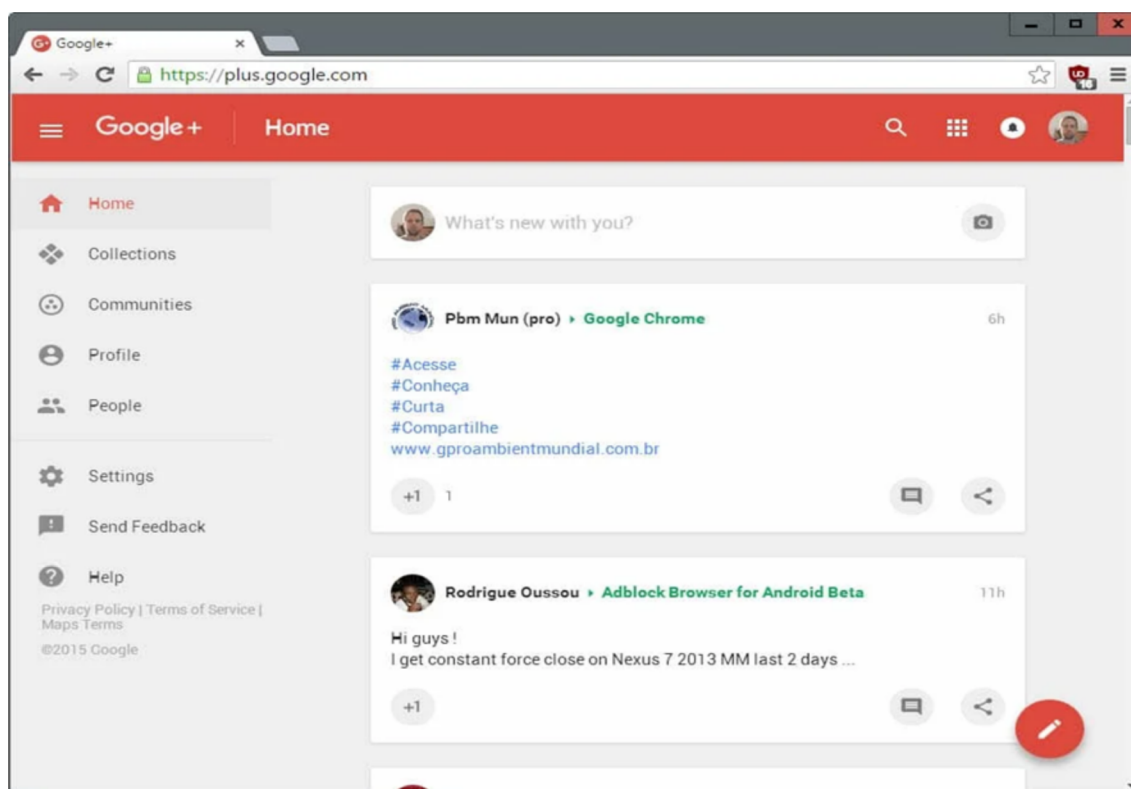
[Digite aqui]

APÊNDICE B – INSTRUMENTO DE GERAÇÃO DE REGISTROS
QUESTIONÁRIO

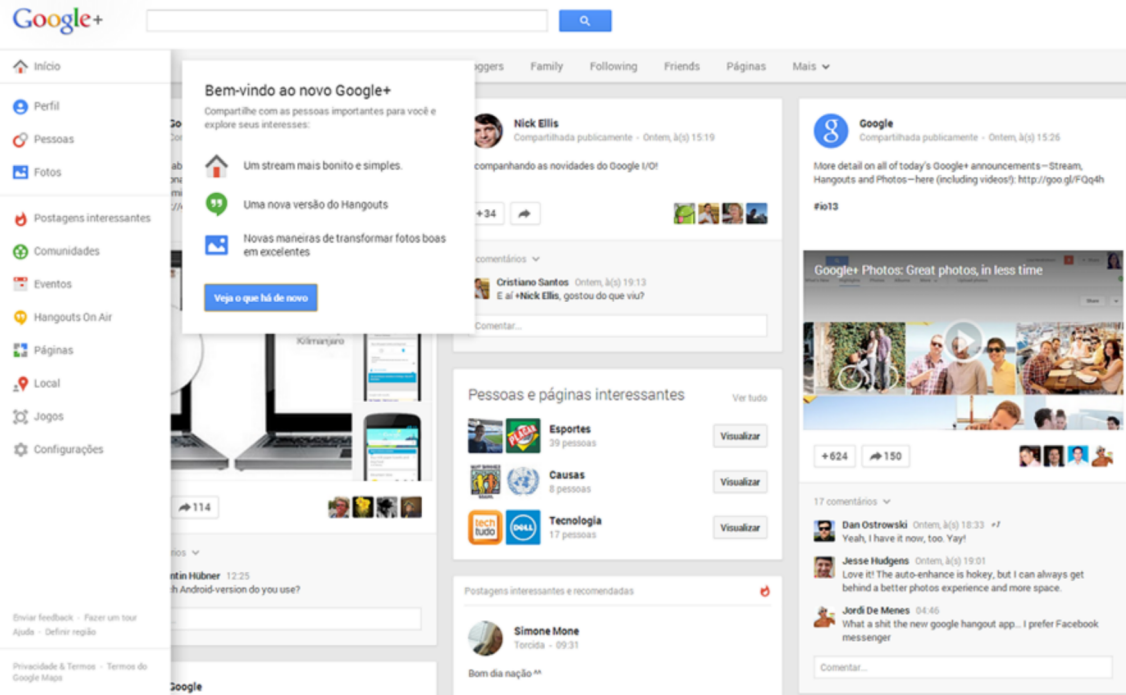
1. Qual é o uso que você dá ao celular?
2. Em que momentos você acha imprescindível usar o celular?
3. Durante os momentos de lazer faz uso dessa ferramenta, ou seja, você faz leitura, joga, assiste a filmes (séries, vídeos) etc.?
4. No contexto educacional e de aprendizagem formal, você já teve a oportunidade de utilizá-lo? Se sim, quais os exemplos?
5. E os aplicativos interativos que já estão disponíveis para os usuários, você conhece alguns? Usa algum? Quais são as características que agradam e desagradam?
6. E neste ambiente escolar, em algum momento você utilizou o celular e as redes sociais como instrumento de aprendizagem?
7. Quais foram as dúvidas que você provavelmente teve quando lhe foi apresentado o projeto de pesquisa e as problematizações criadas mentalmente por você?
8. Quais as problematizações que surgiram durante o processo da atividade interativa?
9. Quais as considerações que você fez antes, durante e depois das atividades?
10. Que sugestões você faria para melhorar as atividades e o instrumento?
11. Você pensa que as redes sociais e o celular são instrumentos válidos para se aprender uma outra língua?

ANEXOS

ANEXO A – IMAGENS DO LAYOUT DA REDE SOCIAL G+



[Digite aqui]



ANEXO B – PRINTS DE CONVERSAS NA REDE SOCIAL

WhatsApp chat header: Guia de Turismo A... 54% 20:28

Profile: **Tania Oroná** 27 de nov de 2018

Áurea y Aline, van a hacer la prueba el día 05/12! Pero tienen que participar de los grupos del G+!!

Interactions: Irany Nany e outras 8 pessoas 5 comentários

Buttons: Curtir, Comentar

Comments:

- Aurea Rippler**: Ok. Gracias Maestra!
- Escreva um comentário...

Share: **Junior Zanatta** compartilhou um

WhatsApp chat header: Guia de Turismo A... 51% 20:40

Profile: **Ana Nasi** 24 de out de 2018

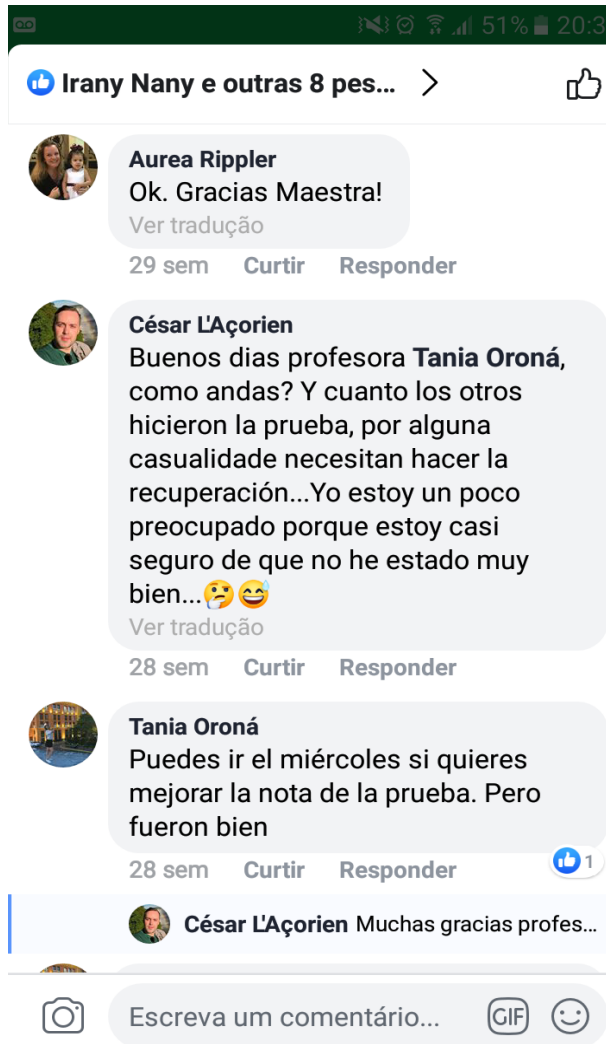


Interactions: Você, Irany Nany e outras 6 pessoas 2 comentários

Buttons: Curtir, Comentar

Comments:

- Tania Oroná**: De quien es esa cabeza que se coló??? Ailton, eres tú??
- Irany Nany**: Sí.



ANEXO C- FOTO DA TURMA DE GUIA DE TURISMO

[Digite aqui]

